

PARADGMA EXISTENCIAL, MUNDO BIPOLAR, O SENTIDO DA VIDA E DO MUNDO: TUDO É NÚMERO OU TUDO É NADA VERSUS AS CONVENIÊNCIAS SOCIAIS

Franco Willamy Lima da FONSECA (1); Francisco Heber da SILVA (2)

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte Campus Ipanguaçu, email frankfilhodbacana@hontial.com. (2) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte Campus Ipanguaçu, email: heber.silva@ifrn.edu.br

RESUMO

O homem é um paradigma do fenômeno temporal da Evolução, suscitado por visões preexistentes do nada, em uma complexa rede de interconexões de um mundo, onde o ser é um parecer, formado naquilo que chamamos de imagem social, um corpo que constitui, em uma convenção do *ethos*, que configura simbolicamente o homem, em face de abstração do tempo e do espaço. O homem é uma incógnita, sujeito que se faz através das escolhas, corrompidos pelo ser e o nada, partindo do pensamento filosófico do cogito sartriano. Objetivamo-nos a analisar o homem condenado a construir uma existência para fazer-se verdade em meio ao paradoxo do “apriori” metafísico kantiana, que era chamado por Aristóteles de filosofia primeira. Nesse âmbito de alteridades a existência se põe em dúvida em um fluxo complexo que as razões da existência são determinadas e, no entanto o mundo é indeterminado. Para tanto delinearemos um *engageé*, que suscitou no homem o caráter de desvendar o mundo e o homem.

Palavras chave: mundo bipolar, existencialismo, nada, *engageé*, e Sartre.

Quando ela mente
Não sei se ela deveras sente
O que mente para mim
Serei eu meramente
Mais um personagem efêmero
Da sua trama
Quando vestida de preto
Dá-me um beijo seco
Prevejo meu fim
E a cada vez que o perdão
Me clama

(Chico Buarque – Ela Faz Cinema)

Não me entregue o seu ódio
Sua crise existencial
Preliminares não me atingem, não
O que interessa é o final

E não me venha com problemas
Se está sozinho é o seu mal

(Renato Russo – Boomerang Blues)

E o que o ser humano mais aspira é torna-se um ser humano

(Clarice Lispector)

1 INTRODUÇÃO

1.1 Dúvidas a cerca do homem: autenticidade, subjetividade e transcendência

A semântica paradigmática existencial, esboçada no ego sartriano, na busca pelo sentido da autenticidade, no qual o relevante ensaio se predispõe a viabilizar uma análise do homem, com o existencialismo sartriano e a metafísica kantiana, onde propõe à radicalização o humanismo em conflito com as concepções transcendentais na sociedade atual atribuídas ao nome, a partir de convenções sociais, não passa de uma alusão do nada, que nos deixam aquém de explicação. O que nos faz atentar para a caracterização da existência como um *engagé*, sartriano que tem como caráter de desafiar o mundo, ou seja, desafia-se a si mesmo, que induz a quebra do paradigma que os remete ao paradoxo, a chamada “crise existencial”.

A dúvida do “eu” implica em revelar um sujeito conhecendo imediatamente a si próprio, pois desta forma percebe-se que nenhuma percepção é mais adequada do que essa aparição do sujeito determinado, absoluto, quantizados, quando na verdade somos uma crise indeterminada, na necessidade de nos sentirmos verdade, instigados pela percepção externa dos objetos, que se revela parcialmente, em facetas da reflexão, em que entra em cena o cogito kantiano do “*ente a priori*” no que constitui o sujeito sobre si próprio. No qual a filosofia de Immanuel Kant se transfigura no cenário da “crítica”, isto é uma análise reflexiva, que consiste em remontar as condições que nos tornam legítimo, no remonta mento da figura do sujeito.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 As faces da existência versus as conveniências sociais

Nenhuma mudança é possível sem que haja a chamada “crise existencial”, pois ela é a situação limitante que precisa saciar-se para saciar-se a si mesmo. Neste momento o homem se encontra obrigado a questionar-se o que está a sua volta que não o cala, neste momento a existência não é um teorema transfigurado no remonte social, e de indignação frente ao mundo, uma conveniência desmistificada em situações determinantes para o homem. Que percebemos nos versos letra da música de Calcanhoto:

Eu não gosto do bom gosto
Eu não gosto de bom senso
Eu não gosto dos bons modos
Não gosto

Eu aguento até rigores
Eu não tenho pena dos traídos
Eu hospedo infratores e banidos
Eu respeito conveniências
Eu não ligo pra conchavos
Eu suporto aparências
Eu não gosto de maus tratos

Mas o que eu não gosto é do bom gosto
Eu não gosto de bom senso
Eu não gosto dos bons modos
Não gosto

Eu aguento até os modernos
E seus segundos cadernos
Eu aguento até os caretas
E suas verdades perfeitas

O que eu não gosto é do bom gosto
Eu não gosto de bom senso
Eu não gosto dos bons modos
Não gosto

Eu aguento até os estetas
Eu não julgo competência
Eu não ligo pra etiqueta
Eu aplaudo rebeldias
Eu respeito tiranias
E compreendo piedades
Eu não condeno mentiras
Eu não condeno vaidades

O que eu não gosto é do bom gosto
Eu não gosto de bom senso
Não, não gosto dos bons modos
Não gosto

(Adriana Calcanhoto – Senhas)

A partir dos versos de Calcanhoto, percebe-se a um eu que grita no momento em que as convergências não passam de mera alusão de uma conversão entre o que é o homem e o seu exterior que não comporta os referenciais dentro do modelo de vida proposto. Assim percebe-se dualidade do existencialismo com sua inquietação, radical que impera mudança, que se devem aos seus papéis de sociais.

As aparições que manifestam o existente não seria interiores que manifestam o existente não são interiores nem exteriores: equivalem-se entre si, remetem todas as outras aparições e nenhuma é privilegiada. **(SARTRE, 1943, p. 15)**

Logo convergirmos no método kantiano, da problemática humana que começa em si mesmo, no que diz Kant:

A experiência não é cauã das idéias, mas é a ocasião para que a razão, recebendo a matéria ou o conteúdo, formule as idéias. **(CHAUI, 2005 op cit Kant, p. 77)**

2 OBJETIVOS

2.1 Eu e eus

O que tem sido questionado e relevado sobre a humanidade é uma questão já conhecida, porém tão pouco explorada em seus múltiplos caracteres, é um desafio pra nos questionarmos a nós mesmos em busca de respostas, talvez jamais encontradas, indo a uma busca de *Eus*, em um só eu, e nos adaptando a razão e as conclusões. Para adentrarmos nesta questão temos que averiguar primeiro nossa capacidade de avaliar e concluir qualquer coisa a nosso próprio respeito e em relação ao universo que nos circunda, mas ir à busca de um conceito ou uma idéia absoluta é o mesmo que limitar-se a não pensar em todas as questões, propósitos, e principalmente realidades. Seria tolice questionar a razão sem falar da loucura e no que consiste diferenciar em uma descrição de absoluta opinião? A árdua loucura, da escolha entre duas loucuras “a real e abstrata”, remete-se a uma única, a “loucura do ser”, que é condenado por escolher a razão de criar sua própria razão, atrelada a “loucura do homem”, que é condenado pela a sua escolha de escolher uma razão de ser. Ambas são cruciais na definição do ser, pois é o momento em que vão determinar no espaço a ideia da existência e de liberdade de existir. Ou seja, a etiologia do Descartes com “O penso, logo existo”, remete-se a “Escolho, logo existo”. Em que fatos basearem-se e em que bases tomarem tais fatos? Que não poderiam de forma alguma nos sugerir o que realmente é real, talvez tudo não passe de surreal, como estar e logo sumir, entrando em antigas propostas de ser e existir, é preciso saber primeiro como afirmar quem, e o que sou, se é que isso é possível. Pra entrar nestas questões é preciso abrir mão de tudo o que conceituamos e definimos e irmos à busca de respostas ou talvez perguntas, porque não? Se o que nos fez chegar até está questão foram dúvidas.

3 METODOLOGIA

3.1 O homem nas intermitências do existir

O homem não sabe que existe até que tenha consciência da experiência de que somos conscientes da nossa existência. O principio da identificação é a condição para que tenhamos certeza de algo, para que garantamos que sejamos verdade. O homem precisa da alusão da verdade para existir. Mas será que existimos? Será que existirmos porque pensamos? Mas o que é pensar? Será que pensamos porque temos consciência de si e dos outros? Mas o que somos? O que são os outros? Somos porque somos tempo? Sabemos que somos porque somos temporais? Porque vivemos nas condições de tempo? Entrelaçado entre o passado, presente e futuro? Mas afinal o que é tempo?

Vejamos as indagações de Santo Agostinho:

O que é tempo? Tentemos fornecer uma experiência fácil e breve. O que há de mais familiar e mais conhecido do que o tempo? **Mas o que é tempo? Quando quero explicá-lo não encontro explicação.** Se eu disser que o tempo é a passagem do passado para o presente e do presente para o futuro, terei de perguntar: Como pode o tempo passar? Como sei que ele passa? O que é um tempo passado? Onde ele está? O que é o tempo futuro? Onde ele está? Se o passado é o que eu, do presente recorde e o futuro é o que o eu, do presente, espero, então não seria mais correto dizer que o tempo é apenas o presente? Mas quanto dura o presente? Quando acabo de colocar o “r” no verbo, este “r” é ainda presente ou já é passado? A palavra que estou pensando em escrever a seguir é presente ou é futuro? O que é tempo, afinal? E a eternidade? (CHAUI, 2005. op. cit. P.92. Grifo nosso)

4 CONCLUSÃO

4.1 Sou ou não sou

Fica então aqui descrito o que nós reles humanos, que somos leigos a nossa identidade temos total direito, razão e dever de buscarmos em nós respostas e dúvidas que implicaram em esclarecer, ou talvez complicar o que sabemos e dizemos compreender, o que é fato é que não se pode julgar além de nossa compreensão se formos em busca, quem nos impedirá de encontrar a realidade ou o surreal sobre nós e nossa existência, como um todo a magnitude do ser humano é uma dádiva de nosso livre arbítrio, e temos que fazer juízo a tal causa, nos encontrar este é o principal objetivo, saber que isso implica em um mergulho profundo a todas as nossas “partes” e “lados”, onde encontraremos o que procuramos.

5 REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Vozes, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. **A idade da razão**. São Paulo: Editora Victor Civita, 1979.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. São Paulo: Vozes, 1943.

COX, Gary. **Compreender Sartre**. São Paulo: Vozes, 2007.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. Editora brasiliense, 1982.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. 13. Ed. São Paulo: Ática, 2005.

NEGREIRO, Carlos Alberto de. RIBEIRO, Marcel Lúcio Matias. NUNES, Albino Oliveira. **Linguagem e ensino**. Ipangaçu: EdIFRN, 2008.

MASIP, Vicente. **Ética, Caráter e personalidade: Consciência individual e compromisso social**. Editora Pedagogia e universitária Ltda, 2002.

SOUZA, Thana Mara de. **Emoções e sensações**, Revista: Discutindo Filosofia especial. Ed. São Paulo. 2009

MOUTINO, Damon Santos. **Condenado a Escolher**. Revista: Discutindo Filosofia especial. 2. Ed.

SOUZA, Luiz Henrique Alves de. **Construção de uma existência**. Revista: Discutindo Filosofia especial. 2. Ed.

MOUTINHO, Luiz Santos. **Mestre em debate**. Revista: Discutindo Filosofia especial. 2. Ed.

RUSSEL, Bertrand. **Dúvidas Filosóficas**. Disponível < Sites//livros_gratis/dúvidas_filosóficas 2001.>

KANT, Imanuel. **Crítica da Razão Pura**. Disponível < Sites// livros_gratis/criticadarazãopura, 2001.>

KANT, Imanuel. **O que é Metafísica**. Disponível < Sites// livros_gratis/oqueémetafísica, 2001.>

RUSSEL, Bertrand. **A filosofia entre a religião e a ciência**. Disponível: < Sites//livros_gratis/, 2001.>

COSTA, Angélica Silva. SASS, Simeão Donizete. **HUMANISMO E MORALIDADE NO PENSAMENTO DE SARTRE**. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/4310/3194>> Último acesso: 23/07/2010.

FOSCHIERA, Rogério. **AUTENCIDADE E ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA EM CHARLES TAYLOR**. Disponível em: < <http://www.cchla.ufrn.br/saberes/Edicao2/Artigos/Rogério%20Foschiera,%20p.%20152-165.pdf>> Último acesso: 23/07/2010.